

## O SISTEMA APÓS A INTERVENÇÃO NO BANCO SANTOS

### Sobre o Risco Sistêmico

O evento de intervenção do Banco Santos trouxe à baila um risco há muito esquecido pelos agentes de mercado: o RISCO SISTÊMICO, que pode ser definido, em linhas gerais, como a possibilidade de um contágio em outros participantes de um sistema, a partir de problemas de funcionamento em uma das partes integrantes desse sistema.

Veja que o risco sistêmico é a probabilidade de contágio, mas ele é potencializado pela percepção que os agentes econômicos têm desta probabilidade. Se considerássemos apenas a probabilidade em si, ele poderia ser medida, como de fato o é em estudos divulgados pelo Banco Central, mas a introdução de um fator subjetivo (percepção dos agentes) torna-o imensurável, já que se forma um ciclo que não se fecha pela existência de um risco dentro do risco.

É importante definir que pode existir um risco sistêmico global ou parcial (ou subsistêmico). Há eventos onde a perda de referência do risco individual dos agentes é total, normalmente derivados de fatos ocorridos no topo do sistema. Nesse caso, indistintamente todos os bancos são afetados. Há outros, normalmente ocorridos em outras partes mais baixas do sistema, onde há uma segmentação do contágio, e apenas alguns bancos correm esse risco.

Assim, esse risco se instala quando os participantes do mercado perdem, temporariamente, o referencial de risco individual e, essa perda, tira do mercado a capacidade de se auto ajustar, exigindo a ação pronta e eficiente da Autoridade Monetária.

É o que está acontecendo após a intervenção decidida em 12 de novembro de 2004 no Banco Santos S.A..

A ação retardada (e até aqui sem os resultados desejados) da Autoridade Monetária (o evento sistêmico ocorreu na sexta, 12 e somente na sexta, 19 o Bacen tomou a medida de reduzir o depósito compulsório) quase provocou uma corrida bancária com graves conseqüências para a credibilidade do sistema.

Nesses momentos, a pergunta que se faz é se as aplicações estão seguras, no sentido de poderem ser liquidadas no tempo e valores contratados. Quando ela não pode ser respondida com 100% de certeza, os agentes se defendem e transferem ou tiram suas aplicações dos bancos, receando que outros o façam antecipadamente e criem uma situação de perda de liquidez nos bancos.

Aliás, liquidez é o ponto crucial do risco sistêmico quando se trata de bancos. Entre bancos a liquidez é função, também, da crença de todos os depositantes. Se eles não acreditarem na capacidade do banco em honrar seus compromissos não há instituição financeira que se mantenha líquida. Nesse caso, o risco de contágio entre bancos é muito maior do que em empresas, pois os agentes vêem os bancos como semelhantes entre si e sujeitos aos mesmos problemas, além de que seu capital é proporcionalmente menor em relação a seus passivos do que nas empresas em geral.

### Sobre os Bancos do Sistema

Em comunicado enviado aos clientes no dia 15 de novembro alertávamos sobre o natural efeito *flight to quality* que deveria ocorrer após a intervenção no Banco Santos, e que poderia, muito rapidamente, criar problemas de liquidez em bancos de pequeno e médio porte.

De fato isso ocorreu, quando nas últimas três semanas o mercado assistiu a uma forte onda de saques. A decisão do BACEN no dia 19 de novembro, de isentar o recolhimento compulsório de 15% sobre os depósitos a prazo limitado a R\$ 300 milhões de recolhimento, deu fôlego no curto prazo a diversas instituições para atravessar essas turbulências.

Todavia, o nervosismo no mercado continuou, o que levou alguns bancos de pequeno e médio porte, mais dependentes de recursos de clientes institucionais, ou seja, grandes investidores, a buscarem alternativas rápidas para reforçar a liquidez. Entre elas podemos citar as cessões de crédito com instituições de grande porte, em especial o Bradesco. Esse instrumento tem um custo alto para os bancos, que reduzem parte de seu lucro para manterem-se líquidos. Paralelamente, os bancos vêm tentando obter linhas de crédito a custos mais baixos com instituições oficiais. No primeiro momento, a maior parte dos bancos pequenos e médios estava efetuando resgate antecipado de CDB para atender as necessidades de seus clientes, todavia na última semana esse quadro se reverteu, pois acabaria inviabilizando algumas instituições.

Vale destacar que, ao longo deste período, o Banco Central vem monitorando diariamente o caixa das instituições de pequeno e médio porte na tentativa de controlar o risco sistêmico, mas, como foi dito, nada pode ser feito quanto à percepção individual dos agentes e ao comportamento coletivo.

Neste momento de turbulência é difícil medir o risco de liquidez de uma instituição, pois, por mais saudável que seja, não suportaria uma onda de saques. Tentando mensurar esses efeitos, **RISKbank**<sup>®</sup> selecionou os bancos de sua amostra que estão mais suscetíveis a sofrer resgates, ou seja os que mais dependem de institucionais para captar, e iniciamos, desde então, um monitoramento quase que diário do caixa desses bancos. Além disso, estamos em contato com os dirigentes das instituições buscando saber quais os planos de contingência de cada um e estratégias de curto e médio prazo.

Após três semanas analisando os efeitos da crise de liquidez no mercado financeiro, dividimos os bancos por nichos e traçamos alguns cenários de curto e médio prazo para o Sistema:

### **Bancos que atuam focados em crédito massificado** (*CDC, crédito pessoal e crédito consignado*)

Operam normalmente com prazos médios de ativos muito superiores a de seus passivos, o que é característico deste mercado, diante do baixo *ticket* médio dessas operações e elevada pulverização de seus clientes. A maior parte destas instituições não possui uma rede de agências e sua captação é concentrada em investidores institucionais. Em momentos de *stress* esse grupo é fortemente afetado quer na redução da liquidez quer no aumento do custo de captação. Todavia, embora operem descasados e com uma captação concentrada, seu risco de liquidez é minimizado, pois podem utilizar-se do instrumento de cessão de crédito para administrar seu caixa. Vale destacar que existe no momento uma forte demanda por parte dos bancos de grande porte para compra dessas carteiras de crédito massificado, o que minimiza, pelo menos no curto prazo, o risco de liquidez dessas instituições. Na prática, essa opção já vem ocorrendo, e tem se mostrado eficiente em alguns casos. Além disso, alguns bancos vêm deixando de renovar, por ora, suas operações ativas, priorizando a liquidez. No médio prazo, contudo, se o movimento de saques continuar, esses bancos precisarão rever suas estratégias, buscando fontes de captação mais longas e diversificadas, através de parcerias operacionais a fim de rentabilizar seu negócio.

## **Bancos focados no *middle market* com garantia de recebíveis**

Analisamos caso a caso o efeito da crise de liquidez sobre esses bancos. Os mais dependentes de captação com clientes institucionais ainda sofrem com maior intensidade, tendo sua liquidez testada a cada dia e assumindo custos maiores de captação. De maneira geral, a característica do mercado de operações com caução de recebíveis é de um prazo médio mais curto, ou seja, 45 dias, o que, de certa forma, garante um giro maior de seus ativos. Neste caso é importante analisar isoladamente a qualidade dos ativos de cada banco deste grupo, e o nível de alavancagem com que operam. Em primeiro lugar estão os que normalmente já operavam mais líquidos e que estavam preparados para honrar eventuais saques. Em segundo lugar estão os bancos ligados a grupos industriais ou comerciais, que podem, de certa forma, contar com um suporte de seu controlador em caso de necessidade de caixa imediato. Em terceiro estão os que operam mais alavancados em crédito e estão tendo maiores dificuldades de obter recursos imediatos no mercado. De qualquer forma, no médio prazo será necessária uma revisão de estratégia, principalmente na composição do *funding* e mercado de atuação destes bancos. Neste caso, os bancos com rede de agências terão mais dificuldade de se ajustarem no curto prazo.

## **Bancos de Varejo Nacional**

Os bancos médios de varejo tendem a sofrer mais que os de porte maior, pois sua captação é menos pulverizada. Os bancos médios de varejo têm a maior parte de seus ativos comprometida com operações de crédito com empresas médias, com valores médios unitários maiores que os do passivo. No caso em análise, eles refletem de forma mais retardada os efeitos de um evento sistêmico que afete bancos sem rede, dado que a percepção de risco sistêmico é mais rápida entre agentes envolvidos com o mercado de atacado. Os bancos de varejo de grande porte são afetados nos eventos de risco sistêmico que acontecem com seus congêneres, mas têm efeito inverso nos eventos de risco subsistêmico que ocorrem em faixas de bancos médios e pequenos de qualquer nicho. A tendência é uma transferência de recursos para esses bancos, reforçando sua liquidez e reduzindo o custo de captação.

## **Bancos Estrangeiros de Varejo**

Estes bancos tendem a ser beneficiados em eventos de risco sistêmico que ocorrem em bancos nacionais de qualquer porte, pois os agentes são levados a acreditar que haverá suporte externo para eles. No entanto, crises externas, independente de sua origem, têm efeito contrário e transferem recursos destes bancos para bancos de porte, nacionais e oficiais.

## **Bancos de Atacado**

Estes bancos tendem a sofrer mais rápida e fortemente que bancos de varejo, mas apenas quando os eventos de risco sistêmico ocorrem em seu nicho. A qualidade e o esclarecimento de seus clientes concedem-lhe uma proteção especial.

## EFEITOS EM VARIADOS EVENTOS DE RISCO SISTÊMICO

SEGMENTO	CASO DE QUEBRA EM BANCOS			
	NO EXTERIOR	GRANDE PORTE	MÉDIO PORTE	PEQUENO PORTE
OFICIAIS	POSITIVO	POSITIVO	POSITIVO	POSITIVO
ESTRANGEIROS VAREJO	NEGATIVO	POSITIVO	POSITIVO	NEUTRO
ESTRANGEIROS ATACADO	NEGATIVO	POSITIVO	NEUTRO	NEUTRO
NACIONAIS ATACADO	POSITIVO	NEGATIVO	NEUTRO	NEUTRO
NACIONAIS GRANDES VAREJO	POSITIVO	NEGATIVO	POSITIVO	POSITIVO
NACIONAIS VAREJO MÉDIO	POSITIVO	NEGATIVO	NEGATIVO	NEGATIVO
INVESTIMENTO	POSITIVO	NEGATIVO	NEGATIVO	NEUTRO
TESOURARIA	POSITIVO	NEGATIVO	NEGATIVO	NEUTRO
MÉDIOS MIDDLE	NEUTRO	NEGATIVO	NEGATIVO	NEGATIVO
MÉDIOS MASSIFICADO	NEUTRO	NEGATIVO	NEGATIVO	NEGATIVO
PEQUENOS MIDDLE	NEUTRO	NEGATIVO	NEGATIVO	NEGATIVO
PEQUENOS MASSIFICADO	NEUTRO	NEGATIVO	NEGATIVO	NEGATIVO

Apesar de citarmos de forma genérica a magnitude de risco a que estão expostos os vários segmentos do mercado, estamos tentando mensurar esses riscos de forma isolada e embora o próximo relatório do **RISKbank**<sup>®</sup> seja baseado nos números do terceiro trimestre, a análise subjetiva já estará contemplando o aumento do risco de evento sistêmico presente no sistema hoje.

Por tudo o que vem ocorrendo, não podemos evitar recomendar maior cautela nas decisões de aplicação, priorizando os bancos mais líquidos e com qualidade de gestão, além de aplicações com prazos mais curtos.